

Conversas Preliminares Sobre Trabalho, Formação e Ergologia*"Preliminary Conversations On Work, Training And Ergology"**"Conversaciones preliminares sobre trabajo, formación y ergología"***Jaddh Yasmin Malta Cardoso**

UFES

Espírito Santo, ES-Brasil

jaddh_yasmin@hotmail.com

Trabalhar é a atividade humana mais social e pública, que compreende inter-relações múltiplas. O trabalho comporta a aprendizagem, a coletividade, o suprimento de necessidades e, sobretudo, o reconhecimento enquanto sujeito. O trabalho ocupa na vida dos homens e das mulheres lugar de centralidade, isto porque é ele quem nos confere lugar institucional, identidade e participação. O livro "Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana" (SCHWARTZ e DURRIVE, 2007) se debruça sobre esse debate.

A Ergologia é uma clínica do trabalho francesa, que tem em Yves Raymond Schwartz seu principal autor. Trata-se de uma abordagem de estudos e intervenção sobre o trabalho que teve início na década de 80, do século XX. O contexto sócio-histórico-econômico era de mudanças na Europa, com o declínio do modo de produção de Taylor¹, à essa altura, Schwartz já era professor na Universidade de Aix-en-Provence, no interior da França. Diante disso, professores e pesquisadores dessa Universidade, sentiram a necessidade de se debruçar sobre e intervir nesse cenário.

Identificaram que para começar essa análise precisariam primeiro entender o que é o trabalho. Era necessário, então, compreender o que é trabalhar para investigar o que estava se transformando no universo do trabalho. Ofertaram estágios em formação para trabalhadores da região, um espaço em que puderam trabalhar as situações de trabalho com os próprios trabalhadores, por meio do diálogo entre os saberes acadêmicos e os saberes engajados, produzidos na experiência.

Trabalhar, na perspectiva ergológica, é uma forma de atividade que embora ultrapasse o próprio meio de trabalho, nele se situa. Trata-se de um trabalho pleno, e independe ser ou não assalariado, formal ou informal, doméstico ou mercantil, conforme o autor. Interessaram-se por construir metodologias para ampliação das produções de saberes no universo acadêmico, mas influenciado pelo trabalho de Ivar Oddone com o Modelo Operário Italiano (MOI), apostavam na pertinência de se fazer isso aproximando-se do universo do trabalho. Nessa perspectiva, construíram uma metodologia

¹ Engenheiro norte-americano Frederick Taylor (1856-1915), considerado o pai da administração científica e um dos primeiros sistematizadores da disciplina científica da administração de empresas.

de produção de saberes a ser operada com os trabalhadores, o Dispositivo Dinâmico a 3 Pólos (DD3P). Tendo em vista que o trabalho tem uma dimensão singular, como se poderia conhecê-lo a não ser em conjunto com quem trabalha?

É uma preocupação ergológica trabalhar a pertinência dos dois saberes envolvidos disciplinar e da experiência, sem deixar de produzir os debates de confrontação entre eles. Desenvolver essa confrontação se traduzia num interesse particular da ergologia. O contexto socio-histórico da emergência dessa clínica do trabalho se caracterizava pelas transformações, ainda hoje objeto de análise e intervenção para essa ciência. Da década de 80 do século passado até esse momento o trabalho vem sofrendo uma multiplicidade de evoluções, isto porque o trabalho se modifica em quaisquer instâncias e em qualquer época.

Dessa forma, “a Ergologia conforma o projeto de melhor conhecer e, sobretudo, de melhor intervir sobre as situações de trabalho, para transformá-las” (SCHWARTZ e DURRIVE, 2007, p. 25). A mudança é consubstancial na natureza do trabalho, por que ele se modifica sempre, e é isso que torna possível apreendermo-lo em movimento, acontecendo. Nesse sentido, os autores indagam “Será que podemos falar do trabalho sem o trabalhador?”. Não se pode, nessa lógica, julgar o valor e os impactos das mudanças do trabalho sem o ponto de vista de quem trabalha, ao contrário disso a ciência estaria falando do lugar do outro.

A ergologia é o “desconforto intelectual” (SCHWARTZ e DURRIVE, 2007, p. 30), uma aprendizagem permanente dos debates que se dão em torno do trabalho que renovam a atividade. Esta, por sua vez é o “fazer de outra forma” o “trabalhar de outra forma”, é a dimensão da transformação dentro da realidade, impressa no aqui-e-agora. Em síntese “para compreender o trabalho, os saberes disciplinares são necessários, mas é com aqueles que trabalham que se validará conjuntamente o que podemos dizer da situação que eles vivem”. (SCHWARTZ e DURRIVE, 2007, p. 36)

Trata-se de um posicionamento ético de não falar no lugar do outro, mas de compor com os trabalhadores no que tange à análise coletiva dos processos de trabalho, nas intervenções de transformação. A Ergologia prima por “ajudar o ponto de vista da atividade de trabalho a se construir para dialogar com os outros pontos de vista” (SCHWARTZ e DURRIVE, 2007, p.63). Dialogar, este é outro desafio a gerir, uma vez que a aposta em sua pertinência e até mesmo permissão são recentes, houve um momento em que a linguagem no trabalho não só era dispensada, como proibida, consoante esses autores. A construção de práticas dialógicas está intimamente ligada ao fortalecimento dos coletivos, é preciso criar esse espaço para acomodar o diálogo.

A ideia de trabalhar juntos na definição de bens comuns, na sua gestão e cristalização em instituições, regras, normas tem uma pertinência, uma significação, é a razão pela qual eu digo que, de certa maneira, o político (o político ou o econômico, no sentido amplo) determina a natureza, a possibilidade, a configuração destas entidades pertinentes. Mas, inversamente, podemos que ao mesmo tempo o político começa lá, no nível mais local (SCHWARTZ e DURRIVE, 2007, p. 166).

Não se pode reduzir o trabalho à aplicação de um procedimento, existe mais do que o cumprimento de tarefa em ato quando se trabalha, isto por que há um corpo em atividade, o corpo si. As quatro proposições ergológicas nos conduzem a esse entendimento, a saber: (i) há uma distância entre o prescrito e o real; (ii) o conteúdo da distância é sempre ressingularizado; (iii) a distância remete à atividade do corpo si; (iv) a distância remete a um debate de valores. Assim sendo, a atividade de trabalho, reafirmamos, não se resume ao trabalho prescrito, ou seja, trabalhar não é, pura e simplesmente, executar tarefas, portanto, não existe trabalho sem atividade. O corpo si é um conceito ergológico (SCHWARTZ e DURRIVE, 2007) que alude a uma entidade não delimitada, difícil de verbalizar, um corpo que, mais que executar, faz usos e que se depara para gerir. Não se trata de um corpo biológico, mas não exclui também essa dimensão, é uma entidade enigmática, a responsável pela ressingularização.

Nesse sentido, trabalhar é também dar existência à técnica em um momento preciso, em um momento específico (SCHWARTZ e DURRIVE, 2007). Visto que a relação homem-técnica é certamente uma questão que emerge com a existência da humanidade. Ademais, utilizar uma técnica supõe seguir operações predefinidas e, ainda, uma reinvenção local e coletiva. “A técnica não é só aplicação da ciência. Ela obedece a uma intenção: transformar o meio em função de si” (SCHWARTZ e DURRIVE, 2007, p.86). No trabalho, o trabalhador é confrontado ao singular, mesmo que a técnica seja também efeito de uma “tradição”, é nessa confrontação que se busca encontrar uma “solução”. O homem, então, tira proveito da técnica ao configurá-la em relação aos meios. Uma aposta ergológica que remete ao debate de normas tal como cunhado por Georges Canguilhem (1990) “entre o ser vivo e o seu meio a relação se estabelece como um debate (...) onde o ser vivo aporta suas próprias normas de apreciação das situações, onde ele domina o meio e se acomoda a ele”. (CANGUILHEM, 1992, p. 147)

A relação técnica-humanidade instaura uma dialética permanente entre o que Schwartz e Durrive (2007) denominam antecipação, o Registro 1, e confrontação, o Registro 2. O primeiro está intimamente relacionado às codificações que antecedem à experiência, o segundo diz respeito ao “lidar” com o codificado, a conferir vida à técnica. A articulação entre R1 e R2 produz modos diferentes de trabalhar e, portanto, reservas de alternativas. Neste entender, a história é ora produzida, ora alterada pela experiência.

Tornando mais cristalino o entendimento do que fora discutido até aqui, há sempre duas dimensões a considerar no que tange ao trabalho: a do protocolo que é antecipável e preexiste à atividade e a que acontece como efeito da ressingularização. Conforme essa dialética, a atividade é a responsável pela não sujeição ao protocolo, essa dialética veicula o debate de normas que remete a um universo de valores e produz uma resistência à submissão ao meio. A questão das competências ergológicas reside na gestão de Registro 1 e do Registro 2 em função desse universo axiológico. Uma gestão que quando experimentada sedimenta heranças, já que “trabalhar é produzir, mas é também acumular história, constituir um patrimônio” (SCHWARTZ, 2007, p. 101) e é isso que torna o trabalho vivível.

Trabalhar é uma experiência que pode se automatizar, assim como dirigir um veículo, por exemplo. Via de regra não se tem espaços institucionalizados para avaliar, por em debate o trabalho que se faz, compartilhar experiência, embora essa seja uma necessidade afirmada tanto pela Ergologia. “É preciso criar locais para debater o que está em jogo no trabalho, neste momento em que se projetam novas maneiras de trabalhar” (SCHWARTZ, 2007, p.102).

Propor a criação de espaços coletivos para a análise do trabalho demanda também a produção de estratégias para o fortalecimento do diálogo, sobretudo entre saberes de disciplinas distintas e saberes decorrentes da experiência. Tendo em vista que, a linguagem, à época do Taylorismo, era não só dispensável, mas proibida aos operários, já que a lógica do trabalho pela administração de Taylor era de reprodução de gestos antecipadamente calculados para cada operário para o cumprimento de tarefas independentes. Embora saibamos, a partir da Ergologia, que o trabalhador utilize a linguagem para regular sua atividade, o diálogo enquanto prática é um exercício, ou até uma competência a desenvolver. Isto porque, “a linguagem e a experiência: eis o movimento dialético de toda formação” (SCHWARTZ e DURRIVE, 2007, p.149)

Por isso a pertinência de se pensar uma formação que parta do ponto de vista da atividade, de forma a conferir visibilidade aos efeitos da urdidura, historicamente emudecidos. “Somente um importante trabalho de elaboração coletiva os fará aparecer”, afirma o autor (p.108). Considerar a dialética trama- urdidura, quando se fala em formação no e pelo trabalho, pode fazer emergir alternativas, questionar concepções e modos hegemônicos de conduzir processos formativos.

REFERÊNCIA

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (orgs.). Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana. Niterói: EdUFF, 2007.

